

---

# A influência televisiva como desencadeadora da erotização infantil na contemporaneidade (3-5 Anos)

Adriana de Oliveira Gonçalves Figueiredo\*

Ana Cláudia da Silva Melo\*

Camila Vieira da Silva\*

Gliciane Priscila Freitas Mota\*

Jorgiane Christina Cezar de Oliveira\*

Millena Gomes de Araújo Costa\*

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Vera Lucia Lins Sant'Anna \*\*

## RESUMO

O presente artigo tem como proposta abordar a influência da imprensa televisiva como um meio desencadeador da erotização infantil no contexto atual, tendo como referência a faixa etária entre três e cinco anos. Objetiva analisar aspectos ligados à sexualidade infantil, tendo em vista a influência preponderante que os meios de comunicação, em especial a televisão, possuem no que se refere aos estímulos à erotização na infância, além de mostrar aspectos significativos da influência televisiva no cotidiano escolar, a partir dos dados coletados na pesquisa de campo. O artigo baseia-se na leitura de livros, textos e artigos que retratam sobre o tema, como forma de esclarecimento e conhecimento das ideias abordadas, assim como a leitura e análise dos questionários aplicados aos sujeitos pesquisados e observações livres feitas no campo. Os resultados do estudo mostraram que o meio televisivo exerce uma influência significativa com relação à sexualidade infantil, estimulando a criança a uma erotização inadequada para sua faixa etária e estágio de desenvolvimento. Tal fator pode influenciar o comportamento, incentivando-a a imitar aspectos da sexualidade adulta sem ter maturidade, condições biológicas e emocionais para isso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidade. Erotização. Influência televisiva e infância.

## 1 - INTRODUÇÃO

A temática deste artigo consiste em abordar a influência televisiva como um meio desencadeador da erotização infantil na contemporaneidade. Pretende-se analisar como a mídia,

principalmente a televisão, exerce uma influência na sexualidade infantil, havendo um estímulo cada vez maior à erotização precoce. O artigo baseia-se na técnica de leitura analítica de livros, textos e artigos que retratam sobre o tema como fundamentação teórica para a elaboração do mesmo, tendo como referência au-

---

\* Alunas do 7º Período de Pedagogia da PUC Minas.

\*\* Mestre em Educação e doutora em Ciências da Religião. Professora e pesquisadora da PUC Minas.

tores como Sigmund Freud, Larry Constantine, Raquel Soifer, Jane Felipe, Bianca Salazar Guizzo, Regina Célia Mendes Senatore, Paulo Rennes Marçal Ribeiro, Ana M. B. Bock, Odain Furtado, Maria de Lourdes Teixeira, John B. Thompson, Fernanda Passarelli Hamann, Sônia Thorstensen, Ana Lúcia Magela de Rezende e Nauro Borges de Rezende.

A problematização que resultou nesse estudo partiu do interesse em saber aspectos referentes à influência televisiva e sua relação com a erotização cada vez mais precoce na infância, tendo em vista suas implicações no âmbito educacional e social, emergindo as seguintes questões norteadoras:

- a) como ocorre a influência da imprensa televisiva como um meio desencadeador da erotização infantil no contexto atual?
- b) de que forma os docentes veem a televisão como um meio que pode influenciar e induzir a criança a uma erotização inadequada para sua idade e estágio de desenvolvimento?

## 2 - SEXUALIDADE INFANTIL X EROTIZAÇÃO PRECOCE: UMA ABORDAGEM TEÓRICA

A sexualidade é inerente ao ser humano desde o seu nascimento, sendo, portanto, uma característica presente nos indivíduos, fator que não está apenas ligado à questão da genitalidade.

Em 1905, ao publicar os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Sigmund Freud apresentou questões significativas sobre a sexualidade infantil. Em sua obra, contesta a opinião popular de que o instinto sexual esteja ausente na infância, manifestando-se somente com a chegada da puberdade e, conseqüentemente, da maturidade. De acordo com Senatore e Ribeiro (2001), Freud, em sua obra, apre-

sentou a sexualidade como algo muito mais amplo que genitalidade, pois está presente durante toda a vida do indivíduo desde o seu nascimento.

No início do século XX, acreditava-se que as crianças não apresentavam manifestações sexuais, ocorrendo apenas na puberdade, atribuindo-se à criança apenas a ideia de ingenuidade e pureza. De acordo com Hamann (2003, p.1)

nesse momento histórico, predominava uma concepção de infância associada a uma aura de pureza, inocência e ingenuidade. A criança deveria ser protegida dos ditos “segredos adultos”, como aqueles relativos à violência e ao sexo.

Nas fases do desenvolvimento infantil, conforme a teoria freudiana, o próprio corpo da criança é fonte de prazer, sendo o mesmo erotizado, ocorrendo o deslocamento da libido (energia dos instintos sexuais) a cada uma das zonas erógenas do corpo. Assim, Freud postulou as fases do desenvolvimento sexual em: fase oral (a zona de erotização é a boca); fase anal (a zona de erotização é o ânus); fase fálica (a zona de erotização é o órgão sexual); em seguida, vem um período de latência com a diminuição das atividades sexuais; e, por fim, a fase genital, quando o objeto de erotização deixa de ser o corpo e passa a ser o objeto externo ao indivíduo. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

A partir das ideias de Freud, os conceitos relacionados à sexualidade infantil passaram a ter outro significado, necessitando ser reavaliados assim como a concepção de infância se modificou no decorrer dos tempos. Segundo Gomes apud Picelli (2002), por volta do século XIX, foi sendo construída uma concepção específica de criança, de acordo com a faixa etária e seu desenvolvimento psicofisiológico.

Percebe-se que a concepção de infância varia de acordo com o contexto social e cultural em que se está inserido. A referência que se faz, portanto, à sexualidade da criança, principalmente na faixa etária na qual se baseia a pesquisa, está no sentido da busca de bem-estar sem erotização, ou seja, neste momento a busca de prazer não está ligada ao ato sexual, e sim, por exemplo, à descoberta do corpo. De acordo com Thorstensen,

[...] a criança possui uma sexualidade com características diferentes da sexualidade adulta, porque ela ainda não organizou todos aqueles impulsos e impressões eróticas dispersas, num todo coerente. Só aos poucos ela vai organizar seu erotismo na direção da genitalidade, isto é, da relação sexual propriamente dita. (THORSTENSEN, 1999, p.2).

Nota-se, assim, que, na atualidade, as crianças são constantemente bombardeadas por conteúdos e mensagens advindos dos meios midiáticos, que estimulam um excesso de erotização que as crianças, devido à sua precocidade, ainda não têm condições de assimilar de forma adequada e precisa, ocasionando mudanças profundas no seu comportamento.

A erotização já começa na primeira infância, com a mídia que, em grande parte, cultua a banalização do sexo, assim como a vulgarização do sexo feminino. Segundo Felipe e Guizzo,

[...] é possível verificar que a representação de pureza e ingenuidade, suscitada pelas imagens infantis veiculadas pela mídia, tem sido substituída por outras extremamente erotizadas, principalmente em relação às meninas. (FELIPE; GUIZZO, 2003, p.120).

Percebe-se que a sexualidade na in-

fância, enquanto busca de prazer e bem-estar através do contato com o próprio corpo, faz parte do desenvolvimento humano, sendo um processo natural de todos os indivíduos. Sendo assim, é diferente da erotização precoce, na qual a criança é estimulada através de imagens e mensagens a uma sexualidade adulta, quando ainda não tem condições de assimilá-la adequadamente, o que pode trazer prejuízos significativos ao seu desenvolvimento psíquico e emocional de forma gradativa e talvez irreversível.

### 3 - A INFLUÊNCIA TELEVISIVA NA EROTIZAÇÃO INFANTIL

A chegada da televisão ao Brasil ocorreu por volta de 1950. A partir daí, a televisão, como um grande meio de comunicação de massa, teve um enorme crescimento e popularizou-se, representando hoje um dos meios de comunicação de maior alcance, dada a grande facilidade de se obter esse recurso tecnológico.

A partir do surgimento dos meios de comunicação de massa, principalmente da televisão, os sujeitos entraram em contato com uma variedade de conteúdos simbólicos, ou seja, que têm um significado e que podem influenciar a forma como recebem a informação, assim como aspectos da vida cotidiana. Conforme Thompson (1998, p. 19), “De uma forma profunda e irreversível, o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólicos no mundo moderno”.

Diante disso, percebe-se que, na sociedade contemporânea, as crianças têm sido alvo de persistentes investimentos simbólicos, principalmente quando passaram a ser vistas como pequenos consumidores pela mídia, ha-

vendo uma exposição frequente da imagem da criança, muitas vezes de forma sensual, em que se dá um enfoque especial ao corpo infantil. De acordo com Felipe e Guizzo (2003, p. 124), “Ao mesmo tempo em que elas têm sido vistas como veículo de consumo, é cada vez mais presente a ideia da infância como objeto a ser apreciado, desejado, exaltado, numa espécie de “pedofilização” generalizada da sociedade”.

Assim, ressalta-se que a mídia, especialmente a televisão enquanto um meio de grande importância social, se constitui como um dos principais estimulantes no processo de erotização na infância. Tal fato pode ocorrer por influência dos estímulos eróticos que produz, ou até mesmo pela permissividade com que tais estímulos chegam até as crianças, visto que a televisão inunda massivamente a criança com uma sexualidade adulta que induz a uma estimulação erótica que a criança ainda não tem condições de absorver completamente.

Observa-se que, pelo fato de as crianças manterem um contato diário com a televisão e assistirem, frequentemente, por influência dos pais, a programas voltados para o público adulto, como, por exemplo, novelas, filmes, reality show e programas de auditório, que apresentam mulheres sensuais com gestos e comportamentos extremamente erotizados, elas são cada vez mais influenciadas, o que acarreta mudanças no modo de vestir, no uso da linguagem, assim como atitudes e comportamentos inapropriados para sua faixa etária, principalmente no que se refere às crianças entre três a cinco anos. Conforme Soifer,

[...] outra consequência do fato de ver programas para adultos é a superestimulação erótica que daí deriva e que impede que o impulso sexual seja suficientemente sublimado na apren-

dizagem. Além disso, a criança vai tendo uma ideia irreal do mundo, pois acredita que nele existem somente pistoleiros, espiões, delinquentes, pessoas imorais e guerras. (SOIFER, 1992, p.30).

A banalização da sexualidade pelos meios midiáticos é outro fator preocupante para o estímulo à erotização infantil. Ao entrarem em contato com cenas sensuais e carregadas de erotismo, as crianças passam a ver o sexo como algo banal e presente no seu cotidiano.

Diante disso, a estrutura familiar tem um papel de suma importância para controlar os impulsos eróticos advindos do contato permanente com o meio televisivo. No entanto, percebe-se que esse controle muitas vezes não é feito de forma adequada, ficando a criança exposta a vários conteúdos televisivos muitas vezes inadequados para sua idade. Segundo Hamann,

[...] e o controle do que é visto pelas crianças, que tradicionalmente caberia aos pais, é extremamente frágil: a TV, muitas vezes, transforma-se numa conveniente “babá eletrônica”, que mantém os filhos quietos enquanto os pais trabalham ou se ocupam com os afazeres domésticos. (HAMANN, 2003, p.4).

É necessário observar que não é toda programação televisiva que estimula a erotização precoce, pois existem programas televisivos extremamente educativos e voltados para o público infantil, com os quais as crianças também têm contato. A televisão não é o único meio que estimula a erotização, outros meios de comunicação e informação também têm influência nesse processo. O que se pretende abordar é como alguns conteúdos televisivos estimulam de forma significativa essa erotização, causando grandes mudanças ina-

dequadas para os estágios de desenvolvimento infantil.

Nota-se, portanto, que a influência disseminada por alguns programas televisivos tem evidenciado a perda da infância como uma etapa marcada pelo lúdico, pelo faz-de-conta, por brincadeiras e jogos com características marcantes no período de desenvolvimento infantil, evidenciando uma infância extremamente voltada para aspectos da vida adulta.

#### 4 - PERCEPÇÕES DA EROTIZAÇÃO INFANTIL DESENCADEADAS PELA MÍDIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

A pesquisa de campo foi realizada em três escolas de Educação Infantil da região metropolitana de Belo Horizonte, sendo duas da Rede Municipal e uma da Rede Particular de Ensino. Os dados coletados foram sobre questões referentes à sexualidade infantil e aos processos de erotização advindos da influência televisiva.

Ao analisar os dados coletados na escola MD da Rede Municipal de Ensino, percebe-se que a professora A só teve contato com a concepção da sexualidade através de Sigmund Freud, quando afirma: “A única concepção de sexualidade infantil que tive contato e conhecimento foi a concepção freudiana”. A supervisora afirma o mesmo quando diz: “Existe uma variada produção teórica sobre a sexualidade e/ou erotização infantil. Dentre elas a mais conhecida é a que foi elaborada pelo teórico Sigmund Freud”. (sic).

Em geral, foi observado que algumas professoras sentem dificuldades em lidar com a sexualidade infantil no cotidiano pedagógi-

co. Para a professora B: “Confesso que a sexualidade não é um aspecto fácil de lidar”.

Através da análise dos dados coletados, vê-se uma afirmação das professoras de que a televisão influencia no comportamento das crianças, como podem observar nos momentos de atividades livres: como recreio, parque, durante a entrada e saída da escola. Segundo relato da professora A: “Sim, acredito que as novelas possuem grande participação na erotização das crianças”. Como também observa a supervisora ao afirmar: “Os programas de namoro, alguns de auditório, geralmente têm dançarinas e apresentam grupos artísticos, filmes e principalmente as novelas, que exibem cenas totalmente inadequadas e que os pais muitas vezes permitem que seus filhos assistam”. (sic)

No campo, foram notadas, através de observações livres, atitudes de crianças que parecem estar associadas à influência que recebem do meio televisivo: no parque, crianças começaram a dançar de forma erótica, imitando algumas atitudes que possivelmente são advindas de algum programa televisivo, além de andarem de mãos dadas, afirmando serem um casal de namorados (menino e menina). Sobre isso, Fischer apud Felipe e Guizzo (2003, p. 121) afirma que

[...] a televisão e, de modo mais abrangente, a mídia, apresenta-se como um lugar privilegiado de aprendizagens diversas; aprendemos com ela desde formas de olhar e tratar nosso próprio corpo até modos de estabelecer e de compreender diferenças de gênero.

Foi observado através das falas dos profissionais que eles interferem, quando é preciso, nas atitudes de alguns alunos, deixando claro para os mesmos o motivo pelo qual estão interferindo.

Ao analisar os dados coletados na escola FS da Rede Particular de Ensino, percebe-se que as professoras são todas formadas e algumas possuem pós-graduação, apesar disso, quando se trata do tema, as mesmas demonstram pouco conhecimento sobre o assunto, e alguma resistência para falar do mesmo.

Ao serem questionadas sobre como lidam com a sexualidade no cotidiano escolar, a professora B respondeu: “Com naturalidade, porém observando de forma discreta, para desenvolver atividades que os levem a esquecer nesses momentos a sexualidade aflorada”. E como relatou a professora C, diante de uma aluna de cinco anos se masturbando:

Incrível, estou vivenciando essa situação com uma aluna que assenta na carteira ou em roda (no chão) e se masturba. Estou sempre observando e atraindo sua atenção para outra coisa, como me ajudar, pegar um livro, ir ao quadro etc. A família já está ciente e diz que em casa também é comum. (sic) (Professora C).

Ao desviar a atenção da criança do ato da masturbação, vê-se que a professora demonstra inquietação e certa dificuldade em lidar com o ocorrido. Conforme Constantine (1984, p. 38), “Na nossa cultura, a região genital da criança é encarada com um preconceito muito forte. Qualquer tipo de excitação sexual que ocorra como consequência de estimulação feita por outra pessoa será punido”.

Nota-se que as professoras acreditam que a mídia televisiva influencia nos atos e atitudes dos educandos, relatando que as crianças tentam imitar atitudes de desenhos e novelas, como beijo na boca, abraços, entre outros, como afirma a professora D: “A mídia erotiza o comportamento infantil sim. Vejo

muito isso, através das brincadeiras, das roupas que as crianças usam e até mesmo através das músicas, danças e verbalizações de palavras sem muitas vezes entenderem o que estão dizendo” (sic).

A escola dispõe de uma psicóloga para atendimento individualizado e contato com as famílias para tratar a respeito de questões relativas a vários aspectos, dentre eles, de questões ligadas à sexualidade dos alunos, quando acontece algo a respeito.

Ao analisar os dados da pesquisa na escola SM da Rede Municipal de Ensino, notou-se uma grande resistência por parte de alguns docentes a respeito do assunto em questão, como já foi observado na outra escola em que se realizou a pesquisa de campo.

Através do relato dos docentes, verificou-se que algumas crianças possuem comportamentos que podem ter sido influenciados por determinados programas televisivos, conforme afirma a professora E: “Em certa ocasião, as crianças estavam brincando de casinha dentro da sala de aula. Montaram a “casinha” embaixo da mesa e cobriram-na por cima com um lençol. No decorrer da brincadeira, elegeram entre elas um pai e uma mãe, que deveriam deitar juntos, e ao mesmo tempo uma terceira pessoa (outro pai) deveria deitar junto também. Ao serem perguntados sobre o porquê, disseram que estavam brincando de Dona Flor e seus dois maridos”.

Os docentes relataram que as crianças da referida escola ficam muito tempo vendo televisão em casa, até mesmo em horários inapropriados, chegando à escola cansadas e com sono. Quando foi questionado às professoras se havia na escola uma articulação com a família para minimizar a influência televisiva na formação das crianças uma delas, a professora F, afirmou: “Não. Pois a maior parte das

famílias ainda não orienta de maneira correta seus filhos, quanto à sexualidade e ainda as expõe diante da TV, que aborda de maneira banal tal assunto. Por outro lado, a escola somente aborda o assunto de forma eventual, como correção. Pois não há obrigatoriedade em trabalhar tal conteúdo, visto que o mesmo é apresentado como tema transversal e não como parte do currículo”. (sic)

Nota-se nessa resposta certo desinteresse da escola em tratar do assunto, atribuindo grande responsabilidade à família, não ocorrendo, portanto, uma articulação para um trabalho em conjunto. De acordo com Rezende e Rezende (1989, p. 86), “[...] nem a família nem a escola estão excluídas da tarefa de formação crítica da criança telespectadora. Da mesma forma, isto não pode ser exigido como responsabilidade exclusiva de uma ou de outra”.

Observou-se que, nas três escolas pesquisadas, grande parte dos docentes teve dificuldade em responder qual a concepção que tinham sobre sexualidade e erotização infantil, não apresentando uma concepção clara e definida. Em relação ao cotidiano escolar, muitos afirmaram que lidam com aspectos da sexualidade de forma tranquila, fazendo intervenções quando é necessário, e a grande maioria afirmou que percebe de forma nítida a influência televisiva na erotização precoce dos alunos, fator observado através de várias manifestações dos mesmos no contexto escolar.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa propôs-se a analisar como a mídia, sobretudo a imprensa televisiva, devido à importância que ocupa na sociedade, tem veiculado algumas programações que

apresentam índices significativos de erotismo, buscando atingir seu público alvo. Porém, esses tipos de imagens também são expostos às crianças, estimulando-as a comportamentos que ainda não têm maturidade para compreender de forma adequada e precisa.

Os dados coletados na pesquisa de campo serviram para confirmar a percepção de que as crianças mantêm um contato diário com a televisão e, por isso, com determinadas programações que podem incentivar a imitação de conteúdos erotizados. Esses fatores tendem a influenciar de forma significativa o seu comportamento, estimulando-as a imitar a sexualidade adulta sem ter maturidade real para isso.

Faz-se necessária, portanto, a existência de uma atitude crítica diante das várias influências que a televisão exerce, podendo-se assim selecionar o que é pertinente para a criança e o que é próprio para o adulto.

## REFERÊNCIAS

- AB’SÁBER, Tales A. M. Dormir com as estrelas: sobre a sexualidade infantil. *Psychê*, São Paulo, ano 5, n. 8, p. 13-18, nov. 2001.
- BOCK, Ana M. B.; FURTADO, Odain; Teixeira, Maria de Lourdes. A psicanálise. In: BOCK, Ana M. B.; FURTADO, Odain; TEIXEIRA, Maria e Lourdes. *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. São Paulo: Saraiva, 1999. Cap. 5, p. 70-82.
- CONSTANTINE, Larry L.; Martinson, Floyd M. *Sexualidade infantil: novos conceitos, novas perspectivas*. São Paulo: Roca, 1984. 255p.
- FELIPE, Jane. Infância, gênero e sexualidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 115-128, jan./jun. 2000.

- FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. *Proposições*, v. 14, n. 3, p. 119-130, set./dez. 2003.
- FERREIRA, Adelir Pazetto; MELO, Sônia Maria Martins de; ROSA, Silvana Bernardes. Refletindo sobre a sexualidade na educação infantil. Disponível em: <<http://www.google-academico.br>>. Acesso em: 23 abr. 2009.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. A televisão e a criança. *Revista de Educação AEC*, ano 17, n. 69, p. 53-61, jul./set. 1998.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 12. p. 135-172.
- GAUDERER, Christian. Sexo e sexualidade da criança e do adolescente. In: GAUDERER, Christian. *Sexo e sexualidade da criança e do adolescente*. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 93-216.
- HAMANN, Fernanda Passarelli. Erotização da infância. 2003. Disponível em: <<http://www.pailegal.net/psisex.asp?rvTextoId=2023406176>>. Acesso em: 23 abr. 2009.
- KUSNETZOFF, Juan Carlos. Etapas da evolução psicosexual: características da sexualidade infantil. In: KUSNETZOFF, Juan Carlos. *Introdução à psicopatologia psicanalítica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 30-84.
- OLIVEIRA, Nina Eiras Dias de. Sexualidade infantil. Disponível em: <<http://www.existencialismo.org.br/jornalexistencial/sexualidade.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2009.
- PICELLI, Luciyelena Amaral; PICELLI, Lucineyde Amaral. Concepções de infância e de Educação Infantil construídas no decorrer da História. *Akrópolis*, v.10, n.4, p. 288-294, out./dez. 2002.
- REZENDE, Ana Lúcia M. de; REZENDE, Nauro Borges de. *A tevê e a criança que te vê*. São Paulo: Cortez, 1989. v. 2, 99p.
- SENATORE, Regina Célia Mendes; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Um estudo sobre a sexualidade infantil a partir do discurso de um grupo de professores. In: CHAKUR, Cllene Ribeiro S.L. (Org.) *Problemas da educação sob o olhar da psicologia*. Araraquara: FCL/UNESP, 2001. p. 141-169.
- SOIFER, Raquel. *A criança e a TV: uma visão psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 60p.
- THOMPSON, John B. Comunicação e Contexto Social. In: THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998. Cap. 1, p. 19-46.
- THORSTENSEN, Sônia. A TV e a erotização precoce. Disponível em: <<http://www.defatima.com.br/site/conteudo/novidades/artigo%20sexualidade.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2009.